

BIBLIOTHECA DA CAMARA
DEPUTADOS
ESTADO DE MINAS GERAES
Vol. n.º _____

COMMENDADOR JOAQUIM ALVES DA SILVA

(Noticia biographica)

O completo e rapido esquecimento, a que são condemnados no interior de nosso Paiz, alguns homens de real merito, que por suas obras adquiriram direito á estima publica, é um facto infelizmente bem commum no Brasil e principalmente nas localidades do centro, a que denominamos — sertão.

Emquanto vivem, sentem-se prestigiados pelos que os circumdam; têm admiradores que os exaltam; mas bem depressa tudo desapparece, desde que morrem.

Todavia, ainda por algum tempo, seus contemporaneos lhes lembram os nomes, que com o tempo se vão apagando da memoria, mesmo da geração em que viveram.

Isto acontece mais commumente no interior, onde os factos apenas subsistem pela tradição oral, que raro se conserva inalterado, de modo que os factos se transformam e se perdem com o volver dos annos.

O illustre Chateaubriand, no seu itinerario de Paris a Jerusalem, passando pela Grecia, procurou ver o logar onde existio Sparta, mas os degenerados filhos de herões tão celebres, tudo ignoravam tudo até o logar da antiga Lacedemonea que trinta e tres seculos teve de existencia !

Assim, os nomes de Leonidas, Pausanias, Lycurgo foram lançados ao Barathro, não ao da antiga Laconia, mas ao do total esquecimento.

E até o proprio leito daquelle seu rio querido que corria entre myrthos, louros e oliveiras tambem sumio-se.

Quem sabe mais hoje, onde corria o Eurotas no qual se banhavam os alvos cysnes !

Não é, pois, para extranhar si a completa ignorancia que no proprio logar, onde existio, se encontra a respeito de um homem que ha poucos annos, apenas, desapareceu do numero dos vivos!

Nem as obras de construcção deixadas, nem os beneficios feitos puderam lutar contra a voragem do esquecimento de quem vivera oitenta e um annos.

As obras materiaes que deixara, varios edificios construidos de madeira entraram em ruina menos rapidamente do que no elvido a memoria do constructor.

No entanto, o nome de Joaquim Alves, comquanto não seja um nome illustre por artes, lettras ou armas, nem tampouco se tenha feito notavel na historia politica da antiga Capitania e provincia de Goyaz, era todavia digno, per muitos titulos, de passar á posteridade.

Quem lançar um olhar retrospectivo para o periodo da historia colonial daquella antiga Capitania e estudar os homens e as cousas daquelle tempo, em que viveo e prosperou Joaquim Alves, no obscuro logar em que nasceu e onde residio e falleceu, acompanhar-lhe a vida e as acções, e a formação de sua fortuna com as difficuldades e ignorancia proprias daquella epocha, não deixará de admirar, e não lhe recusando a fama relativa, de que se tornou digno.

Descendendo de pais pobres, em sertão remoto, desprotegido de quaesquer recursos, poudo, no entanto, per proprio eslarço conquistar uma posição social honrosa e uma fortuna avultada para o tempo em que viveo.

Sua vida prolongou-se de 1770 a 1851, de modo que abrange um periodo consideravel na historia da Capitania.

A contar do governo de João Manoel de Mello, atravessou as administrações dos Capitães Generaes Antonio Carlos Furtado de Mendonça, José de Almeida e Vasconcellos, o governo interino do Ouvidor Antonio José Cabral de Almeida e dos governadores Luiz da Cunha Menezes, Dom João Manoel de Menezes, Dom Francisco de Assis Mascarenhas, Fernando Delgado Freire de Castilho e Manoel Ignacio de Sampaio, fazendo pessoalmente parte do governo provisório composto de seis membros e que foi installado no dia 10 de Abril de 1822.

Relacionou-se com diversos presidentes da antiga provincia, desde o Visconde de Maranguape — Caetano Maria Lopes Gama, que tomou posse do governo no dia 14 de Dezembro de 1824, até o presidente que a administrou em 1851, o D.^o Silva Gomes.

E' bem longo esse periodo para a historia do periodo colonial que começa em 1726 e para o periodo constitucional até o anno de 1851, em que falleceu o biographado, o qual sempre exerceo, durante sua vida, certa influencia nos negocios de administração e politica de Goyaz.

O que vamos dizer sobre sua vida, extrahimos do seu testamento e inventario, de uma necrologia lida pelo então Juiz de Direito da Comarca — D.^o Hermano Domingues do Couto que o conheceu e obtivera informações seguras de seus parentes e amigos — Major Joaquim da Costa Teixeira e Capitão Braz de Pina.

Tambem aproveitamos o que a proposito delle escrevera Aug. Saint-Hilaire — *Voyages aux sources de S. Francisco*.

Nasceu o Commendador Joaquim Alves de Oliveira na villa do Pilar, da antiga Capitania, aos 18 de Agosto do anno de 1770. Em seu testamento declarou ser filho legitimo de Domingos Alves Campos e de D. Paschoa Pinto de Oliveira. Houve, porém, quem assegurasse ser elle antes filho natural de um portuguez de nome Francisco Pereira da Silva, residente em Lavrinhas, perto do Pilar, homem abastado que muito o auxiliava na sua carreira commercial. Que fôra exposto, mas que aquelles que elle reconhece como paes legitimos, o tomaram como filho adoptivo. Em abono dessa asserção, fundam-se na semelhança physionomica e no facto de se lhe não encontrar nenhum traço de familia, aliás revelado em todos os seus suppostos irmãos consanguineos. Essa versão não tem fundamento algum.

Eram pobres Domingos Alves Campos e sua mulher, mas honrados e tiveram mais uma filha e tres filhos, todos fallecidos antes de Joaquim Alves, que tambem perdera seus paes em tenra idade, quando apenas contava nove annos, deixando o a elle tambem pobre e quasi ao desamparo. Mas conhecia as primeiras lettras, sob a tutela de seu irmão mais velho Manoel Alves de Oliveira que o entregou para educar ao Padre Jesuita Antonio de Azavedo Baptista, de quem recebera proveitosas lições.

Guardou sempre de memoria aquella disciplina educativa e severa, que deixa sulcos profundos e indeleveis, no educando, formando-lhe o character, e só a sabem dar os discipulos do heroe de Pampelune.

Com o Jesuita adquirio conhecimentos de latinidade, pois desejava professar o estado sacerdotal, cuja obtenção lhe parecia impossivel pelo seu estado de pobreza, tanto que em 1792 pretendeo o logar de famulo do Bispo do Rio de Janeiro — Dom José Joaquim Justiniano Castello Branco, o qual, assim como o seu antecessor, Dom Frei Antonio de Guadalupe, administrou a prelasia de Goyaz em falta do Prelado proprio — Dom Frei Vicente do Espirito Santo, 23.^o Bispo de S. Thomé.

Naquella epocha, estando com seu irmão Manoel Alves de Oliveira na Corte do Rio de Janeiro, reuniu-se a alguns negociantes do interior que todos alli se achavam para se abastecerem de mercadorias para a revenda no sertão; e começou a prestar-lhes serviços que

lhe angariaram sua amizade, e ao mesmo tempo foi adquirindo gosto para a carreira commercial.

De tres patacas que lhe emprestara Francisco da Silva Carvalho, ponde formar um peculio de 800\$000 rº fazendo seu commercio alli mesmo pelas praias do mar, comprando e revendendo, durante os nove mezes de sua residencia naquella cidade.

Sentia já decidida vocação para a profissão commercial, quando vagou o logar de famulo episcopal que a principio desejara; e, apesar de lh'o ser offerecido pelo Bispo, o recusara, preferindo já regressar com seu pequeno negocio á terra natal.

Mais tarde voltou ao Rio de Janeiro, nos annos de 1796, 1798 e 1802, para fim commercial, comprando alli para revender peles sertões de Goyaz, com o que adquirio optimas relações no commercio da capital, muita estima e muito credito; de modo que conseguiu fazer de sua modesta casa de negocio em Meia Ponte, povoado da antiga Capitania, um emporio mercantil bem conhecido e relacionado, onde se encontravam não só generos de negocio de procedencia estrangeira, como nacionaes.

O norte da Capitania era o ponto principal de suas vendas e permutas, e com tanta felicidade se heuve, que em pouco tempo conseguiu formar uma fartura assás consideravel para o logar em que exercia sua profissão, com bom senso e probidade.

Possua uma tropa de cem bestas arreladas e entregues a escravos fieis para o transporte de suas mercadorias, de uns para outros logares em continuas viagens, e, devido a seu tino administrativo e a seus calculos acertados, é que conseguiu formar a fortuna que alguns explicavam pela invenção de thesouros occultos.

É certo que o solo de alguns logares, por onde commerciava, na antiga Capitania, é todo aurifero, e delle se extrahiram muitas arrobas do metal precioso. Em Amaro Leite se acharam folhetas de ouro com o peso de 90 marcos e mais uma em Agua Quente de 43 libras, tudo remetido para o Erario de Lisboa, verdadeiro tozel de Danaides das riquezas brasileiras. A ambição dos exploradores portuguezes era sempre excitada por sonhadas riquezas dos Arábes, e muito mais ainda a da Corôa Lusitana, cujo thescuro insaciavel pretendia abarcar todo o ouro da Capitania.

As severas medidas administrativas tomadas com o fim de fazer o monopolio do ouro, mostram que a invenção de thesouros occultos que cahiriam na vasta classe dos bens da Corôa, não poderia aproveitar a particulares.

O ouro só podia sahir da terra para passar aos cofres publicos de Portugal.

Havia então na capitania cem mil escravos africanos e de procedencia aborigine, todos flagellados pela vergasta portugueza, a esqua-

drinharem a terra em procura de ouro que satisfizesse a devorante ambição dos colonos exploradores.

Sente se indignado quem lê os actos restrictivos da Metropole; a legislação administrativa e fiscal que adoptou em relação ao ouro.

Assim é que a Carta Régia de 3 de Janeiro de 1735 prohibio a circulação da moeda e mandou que só corresse o ouro em pó a razão de 1200 r.º a oitava.

Prohibio se que as povoações se adeantassem até junto ás minas; prohibio se a entrada do gado bovino; permittio-se ao escravo denunciar ao Senhor, por extravio de ouro, promettendo-se-lhe liberdade e mais prémios.

Ordenou-se a expulsão dos ourives, como outros tantos inimigos dos direitos reais; determinou-se a demolição dos engenhos de canna de assucar e o fechamento das estradas!

Em virtude da Carta Régia de 19 de Junho de 1761 determinou-se a extinção da raça muar e cavallar, sob pretexto de favorecer o extravio do ouro.

Em taes circumstancias, não era pelo menos provavel que alguém pufesse enriquecer-se com a invenção de thesouros occultos consistentes em ouro, devendo-se tambem attender a uma outra circumstancia valiosa: a da má vontade geral dos colonos portuguezes para com os brasileiros. E', pois, com justo motivo que hoje se admira a posição eminente que, como brasileiro, alcançou o tenente-general Joaquim Xavier Curato, feito barão e depois conde de São João das Duas Barras, em 12 de Outubro de 1825.

Como um obscuro filho do humilde povoado de Jaraguá, vencendo os preconceitos do tempo e embaraços de toda sorte ponde alcançar uma posição honrosa, no meio social em que viveo e falleceo em 1830?

Não é menos notavel, posto que muito mais obscura, a que obteve o nosso biographado, que, além de fortuna commercial, fez-se distincto agricultor.

Estrangeiros de solida instrucção fizeram honrosas referencias á sua capacidade.

Aug. de S.º Hilaire assim se exprime a seu respeito:

« Joaquim Alves da Silva adquirio por seu trabalho uma fortuna consideravel.

Elucara-o um Jesuita, em cuja escola embahio-se no espirito de ordem e disciplina, que tanto o distinguiram entre seus compatriços.

A principio entregou-se ao commercio; mas, sentindo muita inclinação para a agricultura, renunciou quasi totalmente á profissão de commerciante, salvo poucos negocios, quando contava com lucro certo.

Assim, por ocasião de minha viagem, acabava de dirigir seu genro a Cuiabá com uma tropa considerável carregada de diversas mercadorias. Mas nunca a outros communicava seus planos de negocios, por isso ninguem sabia quando e quanto ganhara ou perdera.

De todos os Brasileiros que conheci, foi talvez aquelle em que reconheci maior aversão para a ociosidade. «Concedo a meus hospedes, dizia-me, sorrindo, tres dias de descanso; mas ao fim desse tempo, me eximo de uma parte da administração de minha casa, confiando-lhes esse serviço.

A conversação de Joaquim Alves denotava m.^{ta} amor pela justiça e pela religião, sem hypocrisias. Era um homem de bom senso, de simplicidade e bondade extremas.

A fazenda de Joaquim Alves, creada pelo seu proprietario, tinha o seu nome, e era certam.^{te} o mais bello estabelecimento que existia em terras de Goyaz, por onde andei.

Alli reinavam uma ordem e um asseio, como em nenhuma outra parte vi.

A casa era de um só andar, mas perfeitamente conservada, vasta e commoda, ainda que sem magnificencia.

Uma varanda comprida lhe ficava em frente, proporcionando á qualquer hora boa sombra e ar livre.

O engenho contiguo á casa do dono era disposto de modo que, da sala de jantar, se avistavam as caldeiras, e da varanda, tudo quanto se fazia no engenho. Dava este para um pateo quadrangular e uma serie de compartimentos, — a casa dos arreios, a tenda de sapateiros, a officina de ferreiros. As estrebarias tambem davam para o pateo, formando um dos seus lados.

Um outro lado era formado por senzalas de pratos casados, divididas por paredes, sob o mesmo tecto coberto de telhas.

Muros de taipa fechavam o pateo dos dous outros lados.

Toda essa casa fôra, desde o começo, tão bem administrada que o dono afinal não tinha mais necessidade de dar ordens.

Cada um sabia o que devia fazer e se collocava no lugar que devia occupar.

Para se fazer comprehender, bastava que o commandante de Meia Ponte dissesse uma palavra ou fizesse um gesto.

No meio de cem escravos não se ouvia uma só voz. Não se viam homens apressados, andando de um para outro lado, afadigados e cujos movimentos, com apparencia de actividade, só demonstram embaraço de quem ignora sua occupação.

Por toda a fazenda o silencio, a ordem, a tranquillidade que se harmonizam com a que reina na natureza.

Dir-se-ia que um genio invisivel regia aquella casa, cujo dono alli estava assentado tranquillo em sua varanda. Mas era facil ver que nada lhe escapava e que com um rapido volver d'olhos tudo percebia.

A regra que Joaquim Alves adoptou para o governo de seus escravos, era — alimentar-os, vestir-os de modo conveniente, tractal-os bem e quando enfermos, e nunca deixal-os ociosos.

Todos os annos elle casava alguns. Quando tinham filhos, não iam as mães trabalhar na roça senão quando as crianças já podiam dispensal-as e então eram confiadas a uma só escrava que tomava conta de todas.

Uma sensata precaução se tomava para evitar o ciúme, as desordens, excessos e rixas e consistia em afastar bastante as casas dos negros celibatarios da dos casados.

O dia de domingo pertencia aos escravos. Era prohibido tirarem ouro; mas davam-se-lhes terras que elles podiam cultivar em seu proveito. Joaquim Alves estabelecera em sua propria residencia uma casa de negocio onde os pretos achavam para comprar todos os objectos que são do gosto dos Africanos e era o algodão em rama que servia de moeda.

Por esse meio supprimia-se naquelles homens o instincto ou tentação do furto e tinham incentivo para o trabalho no interesse de cultivarem a terra que os afeiçoava ao Paiz, augmentando os productos da lavoura. Emquanto estive em casa do Commandante de Meia Ponte, visitei as diversas partes do seu estabelecimento: o chiqueiro de porcos, o paiol, a roda de mandioca, os descaroçadores e a fiandaria; e por toda a parte encontrei a ordem, e o asseio. Os fornos de assucar não eram construidos conforme os principios da sciencia moderna — mas eram aquecidos por fôrta, o que torna menos penoso para os operarios o trabalho da cocção.

Um apparelho horizontal que a agua fazia girar punha em movimento doze machinasinhas chamadas — descaroçadores — que serviam para separar o algodão da semente.

Tambem era a agoa que fazia mover [a] machina de rapar a mandioca.

O commandante de Meia Ponte abolio para sua cultura o modo barbaro de lavrar e adubar a terra que geralmente os Brasileiros adoptam.

Usava do arado e preparava [a] terra com o bagaço de canna de assucar.

Desta fôrma não incoodiava os [mattos] todos os annos, como outros fazem.

Replantava a canna nas mesmas terras e mantinha suas plantações sempre ao pé da sua casa de morada, para assim facilitar a vi-

gilância e fiscalização, economizando trabalho e tempo aos escravos.

Vendia em Meia Ponte e em Villa Boa o seu assucar e aguardente, e cultivava o algodão para fazer remessas ao Rio de Janeiro e á Bahia.

Foi elle que, como já disse, deo o exemplo proveitoso dessas exportações de productos locais e esse exemplo foi seguido por muitos outros colonos.

Por occasião da minha viagem, elle tinha o projecto de augmentar ainda mais a cultura de algodão em sua fazenda e queria fundar em Meia Ponte machinas de descaroçar e de fiar para empregar mulheres e orianças ociosas.

Assignalando um producto que se podia exportar com vantagem, Joaquim Alves abria para seus compatriotas novos horisontes para a industria, mostrando o que era necessario para arrancar seu desgraçado Paiz do estado de miseria, em que a exploração do ouro maj dirigida o abysmara.

Deixei a fazenda de Joaquim Alves cheio de reconhecimento pela excellente acolhida e agasalho que me deo seu proprietario ».

Eis ahi como um estrangeiro illustre se referia a esse Brasileiro desconhecido e obscuro.

Outros não menos illustres como o D.^o Lefevre, William Burchell, Pohl, Castelneau mencionam elogiosamente o nome de Joaquim Alves.

O General Raymundo José da Cunha Mattos, em varios logares do seu itinerario a Goyaz, e da sua Corographia fez-lhe merecidas e honrosas referencias.

Quando teve oportunidade de visitar o seu engenho de assucar, ponde admirar o methodo e a boa ordem que reinavam naquelle estabelecimento rural e o considerou como o primeiro da capitania, primeiro, unico e ultimo até hoje, porque depois d'elle nenhum outro appareceu que o imitasse.

Quando o mesmo escriptor falla da agricultura daquella região, diz o seguinte :

« A agricultura, si é que tal nome se pode dar aos trabalhos ruraes de Goyaz, acha se no maior desprezo e abatimento que nunca teve em paiz algum civilisado. Esta sciencia dos reis está entregue ao cuidado indiscreto de alguns escravos. Parece que muitos homens aborrecem aquillo mesmo que é a origem da sua existencia e a principal base de sua sustentação.

« Inventando pretextos frivolos com que encobrem a sua preguiça, clamam que não podem dar sahida aos generos e e andam como mumias mortas á fome. Não querem traba-

« lhar, contentam se com a mendicancia, com o rubo, com a caça dos bosques, fructos das arvores, e raizes da terra, e isto mesmo quando as acham com facilidade; pois que a difficultar-se lhes, tomam como alimento o mel de abelhas que encontram em algumas rochas ou arvores.

« Em toda a provincia vi dois arados com que trabalhavam os escravos do Padre João Teixeira Alvares que praticava a agricultura systematicamente e o Tent.^o Coronel Joaquim Alvares de Oliveira, de Meia Ponte, que é o maior proprietario e agricultor da provincia.

« Este homem respeitavel applica-se a tudo e tudo é dirigido por elle com methodo tal que parece manejar os negocios de sua fazenda como se fosse um relógio ».

Pensamos que nos conceitos que extractamos supra, do General Cunha Mattos, não deixou de haver alguma exaggeração, quanto ao estado de miseria dos habitantes; e só podia ter applicação a um pequeno numero de Lazzarone sobre quem certamente a acção do clima e factores hereditarios confusam á preguiça e á miseria.

Referindo-se ao commandante de Meia Ponte, diz o mesmo citado escriptor : « Joaquim Alves de Oliveira, cavalheiro professo na Ordem de Christo, Sargento mór de ordenanças nomeado deputado á Assembléa Constituinte, não acceitou o emprego por molestias que padece ».

Tratando do seu engenho denominado de São Joaquim, cujos restos e ruinas ainda lembram o genio laborioso de seu proprietario, soubemos que foi começado no anno de 1800, quando elle apenas possuía um escravo.

Casou se clandestinamente em 1803 com Anna Rosa Moreira, filha do negociante Manoel Moreira Jorge e Eufrasia Maria da Assumpção.

Desse consorcio nasceram dois filhos e uma filha — Anna Joaquina de Oliveira que ficou só, tendo fallecido antes seus dois irmãos.

Apesar do bom conceito de que gosava como marido exemplar e pae extremoso, viveu separado da mulher, a quem encarregava da administração agricola no engenho, onde morreu assassinado no anno de 1833.

Consta que o assassino, preso em flagrante e conduzido para a cadeia de Meia Ponte, fôra tambem em caminho assassinado pelos escravos de Joaquim Alves, para que se encorrasse em mysterio e silencio perpetuos a causa da morte de sua esposa, em cujo crime não teve parte.

Na « Matutina » meia-pontense, de 4 de maio de 1833 o facto é narrado do seguinte modo: « No dia 1.º do corrente se derramou em toda esta villa a mais dolorosa consternação e nem é possível descrevermos a commoção que observamos em todo o povo, pelo horroroso assassinio perpetrado no engenho de São Joaquim, pelas 8 horas da manhã do mesmo dia.

« A illustrissima Sn.ª D. Anna Rosa Moreira, mulher do Sn.º Commendador Joaquim Alves de Oliveira, foi a desgraçada victima, recebendo sobre o peito esquerdo um tiro de mais de 40 carcos de chumbo, sendo porém somente 10 os que lhe penetraram o coração.

« Essa illustre senhora contava 60 annos e uma numerosa descendencia de filha, netos e bisnetos residentes nesta villa e alguns na provincia de Matto Grosso. Era considerada como a mãe dos pobres e dotada de excellentes virtudes moraes. Deu-se sepultura ao seu corpo na Capella-mór da Matriz desta villa, no dia 2 do corrente, e nunca Meia Ponte presenciou scena mais tragica e luctuosa. O malvado assassino, que se diz ter vindo do sertão do Paraná e ser um homem pardo trigueiro, chamava-se Justiniano. Depois de preso somente por escravos do engenho, por não se achar o administrador nem feitor presentes, foi remettido para esta villa; mas depois de passar o sitio da Caiçara e já duas leguas distante do engenho, evadiu-se.

« Differentes têm sido os juizos que se têm feito sobre esse assassinio; mas todos concordam em que a victima era innocente e que o malvado não se dirigia a ella; mas que outro era o seu objecto.

« Um concurso de circumstancias que o fizeram ser descoberto, o decido a tão nefando attentado. O processo da devassa nos esclarecerá melhor. »

Esse concurso de circumstancias a que se refere o noticiario, é relativo á honestidade da filha de Joaquim Alves e que induzio seus amigos a aconselhar-lhe o assassinato do delinquente, para evitar o escandalo da publicidade; mas consta, como já o dissemos, que elle não tomou parte no crime. Fez casar sua filha com o Major Joaquim da Costa Teixeira, a quem instituo herdeiro de seus bens, fazendo muitos legados á pobreza e aos orphãos da localidade.

Ainda hoje a Igreja Matriz, que fez erigir á sua custa e deo ricas alfaias e ornamentos, possui em apolices os seus legados pios.

Joaquim Alves era amigo intimo de D. Francisco Ferreira de Azevedo, bispo eleito de Miliapór e titular de Castoria, prelado de virtudes austéras, mas infelizmente privado da vista.

Em suas frequentes relações epistolares, Dão Francisco tratava o de paé e protector, attendendo a seu espirito religioso e sinceramente catholico. Tambem se relacionava com os presidentes da Provincia, que muito o distinguiam.

Entre seus predios notava-se a casa da cidade e o sobrado que construiu ao sul da mesma, á margem esquerda do Rio das Almas, em logar aprazivel e de onde se descortina largo horizonte, limitado pelo prolongamento da serra Matutina ao poente e norte.

Consta que só nos alicerces do seu sobrado empregara 17.300 carradas de pedras.

Construido em quadrilatero, com duas áreas uniformes no centro, era um edificio de dois andares, com 300 portas e maior numero de janelas.

As fronteiras eram avarandadas e decoradas de vidros de Moscovia ou Mica, de magnifico effeito para a refração solar.

Todos os aposentos eram bem mobiliados, com gosto e asseio, para agazalho de hospedes que o procuravam diariamente.

Deste edificio hoje só restam ruinas.

Ouçamos agora o que diz sobre Joaquim Alves o naturalista Castelnau: A expedição, diz elle, foi recebida com a maior hospitalidad pelo homem o mais influente de Meia Ponte, o Commendador Joaquim Alves de Oliveira.

Entrando nós para a casa desse excellentemente homem, julgamos-nos transportados para os arredores de uma das capitães na Europa.

Era uma casa de um só andar (a da cidade) como todas as do paiz; mas era muito espaçosa e mobiliada com tanto gosto como a melhor habitação do Rio de Janeiro.

O Commendador é um velho de grande intelligencia e que nos deu preciosas instrucções sobre o paiz que elle habita (1843).

Fallou-nos extensamente a respeito de Monsieur Auguste de Saint Hilaire que se demorou muito em sua casa, e bem assim fallou-nos de outros visjantes estrangeiros, entre os quaes mencionou um inglez de nome Guilherme e dois allemães que elle chamava — a um — de Dr. Poch — e a outro — de Dr. Nath. Só muito depois é que soubemos que se referia ao celebre viajante William Burchell e aos naturalistas Pohl e Natarer. (Expedition dans l'Amérique du Sud, pagina 317, primeiro volume.)

J. Alves possuia uma pequena e interessante bibliotheca, de que o mesmo escriptor nos dá noticia; mantinha para a pobreza á sua custa uma pharmacia bem sortida, sendo elle mesmo muito entendido em pratica de medicina.

Tambem possuia uma typographia, onde imprimia uma gazeta periodica — a Matutina Meia Pontense bem redigida e impressa.

Como official superior da Guarda Nacional, fez fardar á sua

custa seu batalhão e introduziu nos costumes do povo a obediência e o respeito às leis.

Constituiu-se o governo provisório de Goyaz a 8 de Abril de 1822 e instalado a 10 do mesmo mez, Joaquim Alves fez parte d'elle e foram seus collegas o Coronel Alvaro Joaquim Xavier, José Rodrigues Jardim, Ignacio Soares de Bulhões, irmão do General Conde das Duas Barras, Rymundo Nonat, Hyacintho e o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, depois presidente da provincia nos annos de 1837 e 1838.

Era condecorado com o Habito de Christo em 1818; com o do Cruzeiro de 1825. Em 1826 teve o titulo de Moço honorario da Casa Imperial e em 1829 a commenda da Ordem de Christo. Em 1843 foi condecorado com a commenda da Rosa; era Coronel chefe de legião, Juiz Municipal e de orphãos, inspector da instrucção publica da comarca, tendo exercido quasi todos os cargos de eleição e de administração, sendo o ultimo o de primeiro vice-presidente da provincia que não quiz exercer por já se achar enfermo, m.^{to} edoso.

Falleceu a 4 de Outubro de 1851 e foi sepultado dentro da igreja matriz da Villa. Em Goyaz o Desembargador Benedicto Felix de Sousa me deu uma cópia da carta pelo Vizardo da freguezia de Nossa Senhora do Pilar, na qual affirmava que Joaquim Alves nascera a 18 de Dezembro de 1773, sendo baptisado pelo vigario Antonio Fraga de Meirelles, como filho legitimo de Domingos Alves Campos e sua mulher Paschoa Pinto de Oliveira.

Foram seus padrinhos o Dr. João da Silva Araujo e madrinha D. Ecolástica Maria Tavares, mulher do capitão José Pereira do Lago, todos domiciliados na mesma freguezia de Nossa Senhora do Pilar.

Mesa Ponte, 3) de Janeiro de 1878.

Virgilio Martins de Mello Franco.

RELAÇÃO CHRONOLOGICA

DO

SANCTUARIO E IRMANDADE

DO

Senhor Bom Jesus

DE

CONGONHAS DO CAMPO

NO

Estado de Minas Geraes

PELO

P.^o Julio Engracio